

EQUILÍBRIO CEGO NA LATA DO SONETO

MARCUS VINICIUS DE FREITAS*

RESUMO

O presente artigo visa a uma análise da presença e da função da forma soneto na canção *A Força Que Nunca Seca*, de Vanessa da Mata e Chico César. A partir de uma leitura cerrada da estrutura sonora, métrica e rítmica da letra/poema, a análise busca dar relevo à convergência entre a forma poética e o conteúdo de crítica social da canção, para demonstrar como conteúdo e forma são indissociáveis na fatura da obra.

PALAVRAS-CHAVE: soneto; canção popular; forma poética.

De repente, um soneto onde não se espera. Ligo o rádio, e dele brota um soneto escondido sob a voz doce de Vanessa da Mata, numa canção em parceria com Chico César. Falo da pequena joia, da obra-prima do cancionista popular intitulada *A Força Que Nunca Seca* (CD Vanessa da Mata, 2002). Soneto? Sim, soneto, a velha forma renovadora dos renascentistas, tornada matriz em todas as literaturas modernas e aqui revitalizada no espaço da canção com uma força sonora e visual avassaladora. Antes de mais nada, a letra revelada na sua dimensão sonetística:

Já se pode ver ao longe
A senhora com a lata na cabeça
Equilibrando a lata vesga
Mais do que o corpo dita.

O que faz o equilíbrio cego
A lata não mostra
O corpo que entorta
Pra lata ficar reta.

Pra cada braço uma força,
De força não geme uma nota.
A lata só cerca, não leva,

A água na estrada morta,
E a força nunca seca
Pra água que é tão pouca.

* Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada, Universidade Federal de Minas Gerais/UFMG, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil.
E-mail: marcus-vf@hotmail.com

A primeira pergunta que talvez poderíamos fazer: teria havido divisão de trabalho na composição, com Chico César se encarregando da melodia e Vanessa da letra, ou o contrário? Olhando de perto a composição, essa pergunta se revela inócua, pois, tendo ou não existido divisão no ato de composição, o resultado é tal que letra e melodia, melodia e harmonia, Vanessa e Chico, canção e paisagem, fundo e forma se revelam indissociáveis, como em toda grande arte (além do próprio CD, o leitor pode ver as interpretações no YouTube, seja a dos dois autores cantando, ou apenas Vanessa da Mata, ou ainda Maria Betânia e Chico César. Ver referências eletrônicas ao final deste texto).

O conceito central do poema, que aponta tanto para o seu conteúdo social quanto para a sua forma composicional, é o que se condensa na expressão “equilíbrio cego”, presente no quinto verso. Através dele, o poema expõe a paisagem, a violência da seca, a dureza da existência da mulher com a lata d’água na cabeça, a sua capacidade de resistência, seu equilíbrio na adversidade, nos mesmos termos em que comenta a fatura do poema, o equilíbrio desconjuntado que o mantém de pé, o jogo sincopado de seus versos/braços que gingham na métrica para levar a cabo a melodia, como lata levada na cabeça. Nos dois campos, vale o dístico: “O corpo que entorta/ Pra lata ficar reta”. O corpo da mulher é o corpo do poema, seus braços são seus versos. Seu equilíbrio é cego porque não se mostra, porque constitui um desequilíbrio do corpo que se entorta para manter o equilíbrio da lata, como o corpo do poema se desequilibra para levar a cabo o equilíbrio da melodia de profundo lamento.

Se olharmos para a métrica dos versos, em cada estrofe, vemos a seguinte sequência:

7-10-8-6

8-5-6-6

7-8-8

7-6-6

O soneto se inicia por um verso redondilho maior, ou seja, um verso de sete sílabas tônicas, medida exemplar da poesia popular na língua portuguesa e, portanto, fundamento da canção enquanto gênero. No entanto, essa medida é colocada em xeque por uma variação em torno de si, variação essa que fica normalmente entre 6 e 8 sílabas, mas que chega aos extremos de 5 e 10 sílabas poéticas. O poema apresenta três versos de

sete sílabas (1, 9, 12), cinco de seis sílabas (4, 7, 8, 13 e 14), e quatro de oito sílabas (3, 5, 10 e 11), comprovando que o centro métrico é a redondilha, com o maior número de medidas variantes equilibrado entre uma sílaba para mais ou para menos, ou seja, seis e oito sílabas. E há ainda dois versos de medida solta, um de dez sílabas (verso 2), e um de cinco sílabas (verso 6), mostrando igualmente que as variantes maiores são isoladas e de igual número. Trata-se, assim, de um desequilíbrio equilibrado. O leitor poderia objetar que o verso 2 (“A senhora com a lata na cabeça”) possui onze e não dez sílabas, da mesma maneira que o verso 5 (“O que faz o equilíbrio cego”) possuiria nove sílabas, e não oito. Mas cabe lembrar que a métrica, numa canção, não é lida, e sim cantada, pois o ritmo não se dita apenas pela melodia dos versos, mas pela melodia da música que sobre aquela se impõe, e com a qual esta última dialoga para conformar o ritmo geral da canção. Dessa maneira, nos dois versos mencionados (2 e 5), os artigos iniciais (A e O) são concretamente elididos, fazendo recair a tônica na terceira sílaba do verso escrito, a qual se torna então a segunda na contagem do ritmo (“senHOra com a lata...” e “que FAZ o equilíbrio...”), trazendo, como consequência, a medida dos versos para 10 e 8 sílabas, respectivamente.

A rima segue a mesma lógica do desequilíbrio equilibrado. Regra geral, sonetos são rimados de maneira fechada em cada quarteto, e de maneira aberta e cruzada nos tercetos. Aqui introduziram-se variante importantes. À primeira vista, o quarteto inicial rimaria apenas nos versos 2 e 3 (“cabeça” com “vesga”), assim como o segundo quarteto rimaria apenas nos versos 6 e 7 (“mostra” com “entorta”). Mesmo aí, cabe notar que as rimas não são consoantes, em que vogais e consoantes se repetem, mas toantes, pois apenas as suas vogais rimam, e não as suas consoantes (e cabe notar que essa técnica é o que “entorta” e torna “vesga” a rima). No entanto, uma olhada mais cuidadosa revela que a palavra final do primeiro verso (“longe”) rima de maneira átona com a palavra final do quinto verso (“cego”), nas quais o “e” e o “g” invertidos formam uma rima quase imperceptível na leitura (EG e GE) mas efetivamente subliminar no plano do desenho da melodia e da audição (não custa lembrar que estamos falando de poema para ser ouvido, e não lido). O mesmo acontece com a rima átona do verso 4 com o verso 8, entre “dita” e “reta”, palavras nas quais a terminação “TA” estrutura a repetição sonora. Note o leitor que essa dança de rimas toantes e átonas mantém o desequilíbrio sob controle, ou seja, o poema balança, mas não cai, e assim mimetiza, na forma, o equilíbrio precário, mas seguro da lata sobre a cabeça. Uma vez mais: o corpo entorta, para que a lata fique reta.

Os tercetos, por outro lado, seguem a regra da rima aberta e cruzada, mantendo ao mesmo tempo a tensão desequilibrada da rima toante: rimam-se os versos 9 e 14 (força/pouca), 10 e 12 (nota/morta) e 11 e 13 (leva/seca). Estruturalmente, portanto, o soneto/canção em análise mantém, com desequilíbrio controlado, a lógica da repetição estrutural dos quartetos e da cumulação sonora e de sentido nos tercetos.

O mais importante é que, se observarmos a melodia e a harmonia da canção, percebemos que elas se estruturam da mesma forma que o texto do soneto, ou seja, que há um mesmo desenho melódico e harmônico de quatro frases no primeiro quarteto (verso 1 a 4) e repetido no segundo quarteto (versos 5 a 8), assim como os tercetos formam um conjunto melódico e harmônico unitário e diferente do primeiro, o qual se sobrepõe à sequência que vai do verso 9 ao verso 14.

Mesmo que o leitor não conheça nada de harmonia, preste atenção nisto, pois é fácil de entender: dos versos 1 a 8, a harmonia da canção é construída por uma variação regular de dois acordes, a tônica e a dominante da escala de sol (G e D), usados alternadamente nos versos 1, 3, 5 e 7 (G), e 2, 4, 6 e 8 (D7), com o ponto de mudança exatamente em cima da última palavra do verso, aquela que estrutura a rima (veja o clip/interpretação de Vanessa da Mata e perceberá na mão esquerda sobre o braço do violão essa alternância simples de dois acordes). Dizendo de uma maneira mais simples: quem toca lá o seu violãozinho percebe facilmente que a melodia dos primeiros versos é construída sobre uma harmonia de dois acordes alternados, chamados de 1ª e 2ª posição, seja lá em que tom for. Nas gravações de Vanessa, a tônica (o tom básico) é sol (G), e portanto aquela variação fica entre G (1ª) e D7 (2ª). Já na gravação de Bethânia, em função de sua voz mais grave, há uma transposição, e assim a tônica fica em ré (D), e a variação entre D (1ª) e A7 (2ª).

Já na sequência de tercetos – porque poeticamente eles possuem uma estrutura distinta (como vimos em relação ao desenho das rimas) –, entra em cena na canção a terceira função harmônica, ou seja, a subdominante, que na linguagem simples da harmonia é conhecida como a terceira posição da escala (se o tom é sol, a subdominante é dó). O aparecimento da função subdominante (o terceiro acorde da escala de sol, ou seja, dó - C) necessita de uma preparação, criada pela introdução de uma nota sétima no acorde da tônica (G7). Quem ouve a canção, percebe que, naquele ponto, ou seja, no verso 9 (“Pra cada braço uma força”), há uma passagem suspensiva, instável, que se resolve no aparecimento do acorde subdominante ao final do verso, sobre a palavra “força”. Esse é

o único ponto da canção onde a subdominante aparece, exatamente para marcar a nota mais alta da linha melódica da canção, que não por acaso coincide com a palavra “força”, ponto esse em que o intérprete, seja ele Vanessa, Bethânia ou Chico César, solta a voz com toda a energia, pois a força da canção é a força da mulher sob a lata d’água. E cabe notar que o mesmo sentido suspensivo e de resolução que a melodia e a harmonia apresentam nesse trecho emula o sentido de passagem que, em todo e qualquer soneto, o verso 9 possui, por ser o ponto em que a exposição dos motivos dos versos 1 a 8 será preparada para a resolução trazida nos versos 9 a 14. Assim é que o soneto, mesmo que propositadamente desequilibrado, encontrou na melodia e na harmonia o seu equilíbrio necessário. Equilíbrio cego, é bom lembrar, porque não aparece à nossa vista, mas se insinua em nosso ouvido.

O encanto dessa relação indissociável entre forma e conteúdo pode ser visto também no mesmo verso axial, “A cada braço uma força”, pois o que aí se diz é que o equilíbrio depende de uma distribuição da força sonora e poética nos versos (os braços do poema), assim como os braços da carregadeira agem como versos, dançando para que a lata (o sentido último do esforço) fique reta, numa realização positiva do esforço. Do ponto de vista (que é também ponto de audição) do ouvinte/espectador, a audição da canção perfaz um esforço de equilíbrio no ato de seguir a melodia, que finalmente deságua na certeza de uma força que nunca seca, mesmo para tão pouca água. A mulher cambaleia, mas segue pela estrada. O ouvinte/espectador torce por ela, torce-se com ela, desequilibra-se por ela, mas chega a termo, comovido e iluminado.

Nestes tempos secos que vamos atravessando, o soneto-canção de Chico César e Vanessa da Mata mostra mais do que nunca a sua beleza. Na lata.

BLIND BALANCE IN THE SONNET

ABSTRACT

This article aims at analysing the presence and the function of the sonnet form inside the Brazilian pop song *A Força Que Nunca Seca*, by Vanessa da Mata and Chico César. By the way of a “close reading” of its sonic, metrical, and rhythmical structure, the analysis enlightens the convergence of the songs’s poetic form and social criticism, in order to demonstrate how form and meaning are necessarily entangled within the poem.

KEYWORDS: sonnet; pop song; poetic form.

RESUMEN

En este artículo se busca realizar un análisis de la presencia y la función de la forma soneto en la canción *A Força que Nunca Vence*, de Vanessa da Mata y Chico César. Desde una lectura cerrada de la estructura sonora, métrica y rítmica de la letra/poema, dicho análisis pone énfasis en la convergencia entre la forma poética y el contenido de crítica social que despliega la canción, a finde revelar como contenido y forma son inseparables en la factura de la obra.

PALABRAS CLAVE: soneto; canción; forma poética.

REFERÊNCIAS

BETÂNIA, Maria; CÉSAR, Chico. *A força que nunca seca*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oHO4oeWT62o>>. Acesso em: 22 out. 2018.

CÉSAR, Chico; MATA, Vanessa da. *A força que nunca seca*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tOFVLYbPeqk>>. Acesso em: 22 out. 2018.

MATA, Vanessa da. *A força que nunca seca*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lSoKmtboMM4>>. Acesso em: 22 out. 2018.

MATA, Vanessa da. *Vanessa da Mata*. Produção: Jacques Morelenbaum e Luiz Brasil. São Paulo: Sony/BMG, 2002. CD.

Submetido em 22 de novembro de 2018

Aceito em 13 de fevereiro de 2019

Publicado em 28 de maio de 2019
